

Fr. ANDRÉ THEVET

A baía de Guanabara permanecia desprezada pelos colonizadores lusitanos, meio século depois do descobrimento do Brasil, quando se registrou inesperado sucesso.

Certo, fôra conhecida pela comissão exploradora de 1502, que lhe deu o nome de Rio de Janeiro.

Entre os navegantes que ulteriormente acolheu, sobrelevam o português FERNÃO DE MAGALHÃES, a serviço da Espanha, em sua viagem de circunavegação, ao fundar a segunda década do século, e MARTIM AFONSO DE SOUSA que lhe penetrou no seio hospitaleiro, em 1530.

À sua beira improvisou estaleiro, para o consêrto de suas embarcações, mas, ao fim de três meses, prosseguiu para o Sul.

E ao fundar a primeira vila no Brasil, decidiu fixá-la em São Vicente.

Diferentemente, ao inaugurar, em 1549, o novo regime, que centralizasse e protegesse a jurisdição portuguesa na vasta colônia, TOMÉ DE SOUSA preferiu estabelecer-se na Bahia, onde fundou a Cidade do Salvador.

Não cuidou de montar nenhum núcleo entre ambas as posições ocupadas pelos povoadores da capital baiana, à latitude de 12°-55'-48", e da vila atencina, a 23°-58'.

Nesse longo trecho litorâneo, de mais de 11 graus, apenas abrolhavam enfermizas tentativas de ocupação humana, empreendidas por donatários de capitanias desprovidos de recursos, quer material, quer pessoal, para lhes garantir êxito.

Era fato conhecido pelos flibusteiros franceses, que, em desafio ao monopólio real, comerciavam com os nativos, de quem recebiam cargas de pau-brasil e outros produtos regionais, em troca de bugigangas e ferramentas. As operações precárias e susceptíveis de fatal desfecho, quando as interrompesse alguma flotilha de caça, como a de CRISTÓVÃO JACQUES, em 1526, de MARTIM e PERO LOPES, em 1530, tornavam-se mais perigosas, depois da instituição do Governo Geral na Bahia.

Em vez de renunciar ao bem alheio, o rei de França decidiu tornar-se condômino à força.

Escolhido para lhe executar o plano, o "Vice Almirante da Bretanha e cavaleiro de VILLEGAINON" apressou-se em organizar esquadilha, constituída de dois navios artilhados e um de provisões, que transportariam a vanguarda destinada a iniciar o povoamento da Guanabara por súditos de HENRIQUE II, da França.

Depois do malogro dos primeiros ensaios de partida, contrariados pe'os temporais, seguiram os expedicionários a 14 de agosto de 1555.

Entre os convidados do comandante, incluiu-se Fr. ANDRÉ THEVET, cuja fama avultaria perante os pósteros, mercê da sua contribuição histórico-geográfica, indicativa de esforços culturais, que jamais deixou de desenvolver, como evidencia o resumo da sua biografia, trçada pelo professor ESTEVÃO PINTO.

Natural de Angoulême onde viu a luz em 1502, a pobreza do berço explica-lhe a demora nos estudos, que não o impediu de distinguir-se entre os contemporâneos.

Quando moço, tomou o hábito de franciscano, que não o privou de enfronhar-se em ciências profanas, especialmente da história natural e geografia.

A sua insopitável curiosidade levou-o à Itália, Grécia, Turquia, ao Egipto, à Arábia.

JÁ em 1554, estava de regresso à França, onde conseguiu imprimir a "Cosmographie du Levant", da qual lhe derivou a fama de "geógrafo e narrador de viagens".

Estava credenciado suficientemente para colaborar na expedição francesa à região, que possivelmente se lhe deparara, em reconhecimento anterior, por volta de 1550, conforme admitiu METRAUX. Não deixaria escapar a oportunidade de anotar a sua peregrinação, que lhe inspirou comentários de toda espécie.

Assim, ao deixar a Europa, refletiu: "o estreito de Gibraltar é hoje um verdadeiro asilo e receptáculo de ladrões, piratas e flibusteiros — os turcos, mouros, e bárbaros — todos inimigos da religião cristã, os quais, vagando em seus navios, assaltam os mercadores que traficam em África, Espanha e França". Tratou, em capítulos especiais, da "África em geral", da "África em particular", das "Ilhas Afortunadas, que agora se chamam de Canárias", e constituiu um refúgio para as pessoas banidas da Espanha", às quais proporcionam "presentemente, celeiro e adegas com a sua cana de açúcar, o seu trigo, a uva para o bom vinho". De passagem, notou o pico de Teyde em Tenerife, alto de 3716 metros, pela estimativa ulterior, a ilha do Ferro, "precisamente sob a linha diametral, isto é, do meridiano inicial de referência, as "ilhas da Madeira", assim chamadas, em língua portuguesa, "porque eram totalmente desabitadas, mas cobertas de árvores", quando as descobriram os navegadores de Portugal, e que na ocasião mantinham comércio de açúcar, vinho, uva, laranjas, limas, e várias frutas em conserva.

Mencionou o cabo Verde, muito grande e belo, avançando profundamente pelo mar a dentro, em cuja região os portugueses "se vangloriam de ter sido os primeiros a introduzirem cabras, vacas e touros", que depois ali se multiplicaram.

Adiante, a propósito do Senegal, acentua que "os antigos dividiam o mundo interior em três desiguais partes, a saber, a Europa, a Ásia e a África, das quais alguns autores dizem a verdade, outros o que bem lhes parece, não se referindo nenhum deles às Índias Ocidentais, que formam hoje a quarta parte do globo".

E esclareceu: "As Índias Ocidentais — A França Antártica, o Peru, o México — se dá hoje, vulgarmente, o nome de Novo Mundo". O Brasil não se abrangia nesta citação, ou talvez se compreendesse, pela intenção do escritor, na designação de França Antártica. Ao passar pela Guiné, registrou que "o objeto mais usual do comércio dos navios estrangeiros é a malagueta, a melhor e mais disputada das especiarias".

Com os vizinhos, opera-se o "tráfico do ouro e do sal", pelo sistema do silent trade, apontado por ESTEVÃO PINTO. Em determinados lugares, os litorâneos da Guiné depositam sal e afastam-se.

Os moradores da hinterlândia colocam ao lado porção de ouro, que julgam equivalente e também se retiram.

Se aquêles aceitam a oferta, recolhem a quantidade correspondente. Em caso contrário, deixam-na intacta, para que a completem os interessados, até que se harmonizem as duas avaliações, calculadas por pessoas que não se vêem.

Entremendo fatos observados com reminiscências de leituras, comentou nas proximidades do equador: "os antigos acreditavam que a zona situada entre os trópicos, era, por motivo do seu excessivo calor inabitável (assim como as regiões vizinhas dos pólos, em virtude do seu frio elevado). Recentemente, porém, depois que os navegadores a descobriram, verificou-se a habitabilidade da zona tórrida, não obstante o calor, devido à sua fertilidade e às suas abundantes riquezas — tal como as ilhas de São Tomé e outras".

Adiante de Ascensão, apareceu nas alturas o "Cruzeiro do Sul", a que deram os marujos o nome de "Carro".

Servir-lhes-ia de guia, ao atravessarem o Atlântico, em busca da costa brasileira. "Aproximando-se da América cerca de cinquenta léguas, afirmou o viajante, observei um fato digno de memória e que não quero deixar no esquecimento: comecei a sentir o ar da terra, um ar muito diverso do da marinha e a sentir o suave odor das árvores, ervas, flores e frutos do país, melhor e mais agradável que o de qualquer outra região, mesmo a do Egito".

Evitando os portos habitados por tribos indígenas lusófilas, a flotilha velejou para o sul, até ancorar em Macaé. Depois de breve demora, como também sucederia em Cabo Frio, deitou ferros em Guanabara a 11 de novembro de 55.

Recebidos amistosamente, encontraram os forasteiros "belo edifício ao estilo do lugar, todo atapetado, em seu derredor, por lindas fôlhas e perfumosas plantas", que os naturais lhes destinaram, ao terem aviso de sua próxima chegada.

Aí se acomodaram, em rancho amplo, decididos a permanecer.

Depois de explorarem, durante dois meses, as imediações, "batizou-se o país, assim descoberto, com o nome de França Antártica, evidenciando-se que o local mais cômodo para nêle a colônia estabelecer-se e fortificar-se era uma ilhazinha, de uma légua de circunferência, situada quase à foz do rio. A ilha, pela razão do forte ali erecto, chamou-se Coligny".

Localizada na ilha, que depois tomou o nome de Villegaignon, a sede da nascente povoação francesa, incumbiu-se THEVET de torná-la conhecida pelo volume, em que abriu capítulos para descrever o "Rio Guanabara também chamado de Janeiro", "Os peixes do rio Guanabara", da "América em geral", "Da religião dos selvagens americanos", "Como bebem e comem os selvagens" e de outros aspectos da sua vida, como também dos animais e plantas da região.

Exibiu também quanto sabia em relação a outras regiões do continente americano, e, por fim, satisfeita a sua curiosidade, valeu-se da primeira oportunidade para regressar.

"No derradeiro dia de janeiro" de 56, pela manhã, levantaram velas os navios comandados por "BOIS-LE-COMTE, capitão da esquadra real na França Antártica".

A bordo achava-se THEVET, atarefado em ordenar os seus apontamentos, enquanto, por mais de quatro meses, peregrinava por Fernando de Noronha, Antilhas, Panamá, Flórida, Baamas, Terra Nova, Açóres.

Ao saltar em terra, de volta, já teria ultimado o manuscrito, que não tardou em atravessar os prelos.

Realmente, em 1557, surgiu a lume a obra: "Les Singularités de la France Antartique Autrement nomée Amerique & de Plusieurs Terres Isles & Decouvertes de Nostre Temps".

Aplaudida na ocasião, "a narração de minha longa viagem ao Poente, que fiz não só para tornar-me útil, como porque ninguém ainda a descreveu, até o presente", viu-se o autor premiado, sucessivamente, com "o cargo de esmolter da rainha CATARINA DE MEDICIS, o de historiógrafo e o de cosmógrafo real".

Antes de falecer em 1572, sem a estamemha franciscana, que deixara, ao secularizar-se, sentiu, porém, que se avolumava a onda contra as suas afirmativas.

"Acusado de fantasiar as histórias que contava", fêz-se mister a revisão da sua obra, na qual doutos especialistas modernos encontraram valiosas informações.

Relembrou-lhes os conceitos elogiosos o professor ESTEVÃO PINTO, ao traduzir e anotar o que disse o frade viajante.

Assim é que "um americanista como A. METRAUX já fêz ver que as melhores fontes para o conhecimento das crenças religiosas dos tupinambás são os livros de THEVET, sobretudo no que diz respeito aos mitos recolhidos e publicados no volume segundo da sua "Cosmografia Universal". Sem a sua contribuição, estariam incompletos os "estudos sobre a antropofagia ritual dos tupinambás".

E, do mesmo modo, "o estudo dos pajés, o das operações bélicas, o das práticas mortuárias, o das doenças e o de certos aspectos da civilização material dos indígenas do Brasil".

Ao tratar da agricultura, colocou-se "THEVET entre os precursores da escala histórico-cultural, isto é, entre os adeptos do descontinuo das formas em que se processa a evolução social", da qual "são modernamente principais intérpretes GRAEBNER, FOY, SCHMIDT, KOPPERS e outros".

No tocante aos animais, devem-lhe os zoólogos "uma das descrições mais antigas do tucano", como igualmente, da cutia, da preguiça, além de outras espécies que mencionou.

Das plantas, considerou o açaí, que lhe levaria o nome aos ana-s científicos, ao tomar o título de "Thevetia ahoai, a brejaiva, o jenipapo, de que os nativos extraíam apreciada tinta, conforme processo que explicou, o caju, de cujo fruto "pende uma espécie de noz da grossura das castanhas e da feição dos rins de lebre", a pacova, além da mandioca, fornecedora da farinha cuja fabricação minudenciou.

Ao revelar à Europa a terra brasileira, grande porção da qual rotulou de "França Antártica", e sua gente, contribuiu THEVET para torná-la conhecida, até entre os doutos, do porte de MONTAIGNE ou J. J. ROUSSEAU, como demonstrou AFONSO ARINOS em "O índio brasileiro e a Revolução Francesa".

Embora sustentasse pretensão contrária à unidade política da colônia lusitana, que se desmembraria, caso vingasse a tentativa usurpadora de VILLEGaignon, não deixou THEVET, que fêz parte da sua comitiva, de merecer ingressar na galeria dos que estudaram e propagaram as peculiaridades geográficas do Brasil. Especialmente em "Les Singularités de la France Antartique" e "Cosmographie Universelle", ainda consultados pelos sabedores, que lhes apontam valiosas informações, embora não lhes homologuem tôdas as afirmativas, quando tendentes ao exagêro fantasista.

VIRGILIO CORRÊA FILHO

